

ELEGIAS DO PAÍS DO SANHAUÁ



Elegias do país do Sanhauá
Joedson Adriano



© Moinhos, 2017.

© Joedson Adriano, 2017.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Lily Oliveira

Edição 1, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A243e

Adriano, Joedson | Elegias do país do Sanhauá

ISBN 978-85-92579-41-8

CDD 869.1

Índices para catálogo sistemático

1. Elegias do país do Sanhauá 2. Poesia I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2017 | 78 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

Rua João Antônio Cardoso, 46

Ouro Preto — Belo Horizonte

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

a

*Dona Teresinha Monteiro
matriarca dos Silvas, minha avó;*

*Manoel Batista Fidélis
também sobrevivente do País do Sanhauá, meu amigo;*

*Roberto Menezes
além de Silva e meu amigo, mecenas deste livro.*



1

Começo quando o dia começa
eu ainda estou dormindo ou nem dormi ainda
mas o pedreiro acorda, não tem insônia nem sonho
orgulhoso de sua virilidade
com um sentimento de liberdade
que os filósofos não podem supor
e só um mendigo pode superar

se levanta pra erguer os pilares da terra
e as paredes morenas como sua pele
que de tanto sol talvez tenha câncer um dia
sem armadura e apenas um boné por capacete
o cavaleiro medieval com empoladeira e talhadeira

o pedreiro não se preocupa com doenças
ele tem a saúde perfeita
e come como ninguém, de colher, de pá
o frio almoço com cimento
e bebe a aguardente, não pra que seu fígado tenha cirrose
e fuma, não pra que seus pulmões tenham enfisema
e fode, não pra que seu pênis tenha gonorreia
entre os esqueletos da casa alheia
o seu músculo tem uma folga
pra viver, não pra fugir da vida

ele tem a saúde perfeita
nem liga se o grande arquiteto do universo existe
mas acende sua fogueira de São João
vê claro o homem que é homem
e acredita na força dele
e mais brilhante ainda a mulher que é mulher
e acredita na beleza dela

e levanta cidades pra juntar homens e mulheres
como um poema deve ser, ainda que não saiba ler
tem orgulho da sua matemática
mestre de engenheiros e arquitetos
mestre de obra, quente calculista
o esquadro, a linha, o prumo, a trena, o lápis
corta a cerâmica como um açougueiro faz com um filé
o pedreiro risca uma folha
que será uma casa que abrigará pessoas
como um poema deve ser e o pedreiro não lerá

mas da sapata que cava ao teto que monta como um jogo
entremeados por teias de tubos e fios
dará abrigo a pessoas
de graça como de graça foi abrigado
e também às que lhe pagarão
sem papel que lhes obrigue a isso
por diária ou empeitada

e ensina de graça como de graça foi galardoado
na guilda de seu ofício, não oficial
na informalidade lutam os desclassificados
sem corporação, apenas seus corpos
e sobre estas pedras constroem sua igreja
o mestre e o aprendiz, os mistérios de sua arte
e o pedreiro sentirá orgulho
cada vez que vir aquela casa e a sua e as outras
e mais ainda quando um morador entrar
ou sair pela porta que ele assentou

sua saúde está perfeita
seus músculos firmes, fortes e flexíveis
como um halterofilista nunca terá
seu suor semeia a terra
brilha ao sol o construtor de cidades
e Atenas, sem divindade, é apenas mais uma
somente Sanhauá é solo sagrado

Com regularidade e sem convite
no intervalo dos seus ofícios
os varões do meu país vinham beber
a aguardente sagrada a cinquenta graus
na loja do melhor dos templários

maçons e seus serventes vinham
sob os trinta e três graus do tempo
os iniciados se iluminavam na cultura do álcool
ao ócio do esquadro e do compasso
e como a bebida, a comida de macho
tripa seca e bisteca de porco
não havia judeus nem vegetarianos
sem distinção de classe e cor: todos pobres
da religião universal que não precisa de prática

livres sem segredo nem discrição
pra falar filosoficamente de sua profissão
de política como se fossem dominar o mundo
de futebol como se falassem de ciência
nunca de Deus, bastava a aguardente sagrada
e sempre de mulher, a carne sagrada
fêmeas devassas, nunca de suas esposas
que não eram admitidas na fraternidade
do delta sagrado a ser singrado
pelos mais sábios que Salomão sob as saias

e à noite, ao fim da jornada, os companheiros
se reuniam novamente, antes ou depois da janta
e alguns saíam desorientados dos caminhos de Sião
mestre e aprendiz além dos apertos de mão
às vezes se abraçavam pra não cair

mas no costume dos vícios
não arrefeciam o comportamento
bebiam a cachaça dos machos
às vezes conhaque, gim, rum, vodca

cerveja e vinho só no final de semana
em que as fêmeas, nunca suas esposas
eram procuradas pra beber bebidas fêmeas
e fudiam com os varões da minha aldeia
e nenhum morreu de mulher
e muitos morreram de cachaça
e agora são imortais

3

Nos tempos antigos não havia evangélicos
e nem tudo era pecado
o diabo não ficava de tocaia nas esquinas
embora eu também nunca tenha visto
um anjo à minha cabeceira

nos tempos antigos não havia ateus nem fanáticos
época de Pã e eu mais primitivo que os cristãos
em que até Deus era permitido e condescendente
não nos assustava nem com o purgatório
porque vivíamos no paraíso
mas também não brigávamos nem brincávamos com Ele

o catecismo mais um palco pra brigas e brincadeiras
tinha por motivo maior pra não faltarmos
as catequistas bonitas e gostosas novinhas
de mais pernas de fora em *shorts* e saíngas
que o código canônico permite
e por culpa delas, por máxima culpa delas
eu me masturbava mais ainda

mas decorei todas as rezas
e se minha vó mandar, eu rezo
pois nada aprendi que já não houvera
com ela, minha mãe e minhas tias
principalmente o amor e a bondade
embora não os execute tão bem

não fazia questão de entender os mistérios
do nascimento de uma virgem à ressurreição
da trindade e todos os outros milagres
nunca me fez falta tal gnose

nem a literatura épica, lírica e dramática
das escrituras sagradas me pegou
pois eu já era o maior milagre
e vivia minhas guerras, amores e dilemas

a igreja era tão sagrada que só em frente dela
lembrávamos de sua existência e nos benzíamos
e dentro eu pude comer a hóstia como um sequilho
e nas paredes e no altar da cruz do seminu
todos aqueles santos eram só os bonecos que são
e a *via crúcis* de cristo era só uns retratos e nem doía

mas Deus havia, o grande placebo
pra me guardar, salvar, curar
e bença a pai e mãe
uma indulgência poderosa pra dormir tranquilo
e um Pai Nosso e uma Ave Maria de vez em quando
afastava Jason e Freddy Krueger, e nunca
um fantasma, um monstro, um *alien* apareceram pra mim

e havia procissões noturnas de fiéis
com velas nas mãos e canções na boca
e eu sem espaço pra correr entre os zumbis
e havia o dia de finados
com velas iluminando o cemitério noturno
e nós meninos correndo entre os túmulos
nunca um morto-vivo
sempre a vida e a morte separadas
e assim seja pelos séculos dos séculos

Nem tanto quanto mil à minha direita
e à esquerda caíram
mas um a um que vale mais que um milhão de amigos
mais que Sócrates e Jesus seu epígono
meus amigos de infância estão caindo
por defender só a si mesmos
sem ninguém que os defendam
só por viverem, há quem os matem

e um a um caíram a ferro e fogo
o filho único, e um, dois
e o terceiro irmão teve que fugir
pra não ser assassinado também
tiros na cabeça, tronco e membros
e ninguém viu quem foi
ouviram apenas os tiros e o tombo
e eu os absolvo, todos inocentes os mortos e os vivos

um a um estão caindo
mesmo os que sobreviveram aos tiros
se converteram aos pastores bandidos
pra abandonar as drogas que servem de desculpa
até os que mataram antes de morrer e também fugiram
e os que caem no presídio enquanto não morrem
e alguns caem sem nem tocar o chão
como o enforcado de tanto doer
mas nenhum por doença
e alguns nem são assassinados nem suicidas
capotam o carro recém-comprado

um a um antes dos vinte, antes dos trinta
e eu tenho que contar antes dos quarenta

caem à esquerda e à direita
sem tempo nem de carregar a sua cruz
caem em via pública e não se levantam mais
os heróis dos tempos antigos
nobres de santos y silva tombaram
e eu sigo em frente

enquanto a geração anterior morria de cachaça
secos ou inchados coroas
a minha morria e morre matada
em tenra carne pra canibais
às vezes mais jovens ainda
nem dava tempo de morrer de cola
a maioria nem pegou o *crack*
os filhos da minha terra morrendo antes de terem filhos
antes de saberem o que queriam da vida
sem tempo pra pensar na vida quanto mais na morte
estão morrendo matados por outros, por si, pelo destino

os meninos machos morreram
sem terem tido tempo nem de sofrer
e eu, o único vivo, os observo
a única testemunha do batismo de sangue
me banho no seu sangue e soffro por saber
eu sou o predestinado a ver e contar o que vejo
pra toda a eternidade da morte dos meus, eu vivo
e aqueles santos, agora cristos, ressuscitam